

CONCEPÇÕES DE EDUCADORAS DE BERÇÁRIO QUANTO À SUA FUNÇÃO E ÀS NECESSIDADES DO BEBÊ APÓS ACOMPANHAMENTO COM A METODOLOGIA IRDI



1 Paula Gruman Martins – Autora (Psicologia - UFRGS)

2 Milena da Rosa Silva – Orientadora (Psicologia - UFRGS)

Introdução

O processo de instalação da subjetividade no bebê inicia-se em seus primeiros contatos com as pessoas que dele se ocupam. Sabe-se que as famílias têm optado por creches e escolas de Educação Infantil para o cuidado cotidiano dos bebês, visto que grande parte dos pais trabalha fora de casa (MP, 2010). Considerando que as crianças que frequentam creches costumam passar a maior parte do dia nesses locais, eles passam a operar um papel importante em sua constituição psíquica e desenvolvimento, já que aqueles que se ocupam dos bebês acabam por se constituir enquanto referências em sua estruturação subjetiva.

Pensando uma creche que possa cuidar, educar e prevenir (Mariotto, 2009), torna-se importante poder olhar para os profissionais que trabalham com a primeira infância. Embora participem da subjetivação dos bebês, as educadoras têm uma relação com as crianças de cunho profissional. Questões de ordem prática - como o efeito de como lidam com os bebês, o número de crianças a atender nos berçários e demandas institucionais - assim como de reconhecimento profissional também estão presentes nessa relação. Entretanto, ressalta-se que, no que se constrói entre elas e os bebês, a subjetividade das educadoras está colocada – principalmente em aspectos como sua história e como foi cuidada.

Assim, esse estudo, inserido no projeto de pesquisa “O impacto da Metodologia IRDI na prevenção de risco psíquico em crianças que frequentam creche no seu primeiro ano e meio de vida” (IRDI na creche) pretende analisar, a partir de entrevistas realizadas com educadoras de bebês de 1 ano a 2 anos e meio de idade, quais suas concepções acerca do bebê, de quais suas necessidades, de qual sua função como educadoras de berçário e de qual seu papel na constituição psíquica do bebê, após a intervenção com a Metodologia IRDI.

O acompanhamento com a Metodologia IRDI aplicada em creches

O projeto IRDI na creche busca compreender o papel que a Metodologia IRDI (Indicadores clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil) pode desempenhar na prevenção de risco psíquico em bebês que frequentam creche no seu primeiro ano e meio de vida. Com esse objetivo, foram acompanhadas 87 crianças e 20 educadoras de creches municipais ou conveniadas com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre durante cerca de 9 meses.

A pesquisa desenrolou-se em três etapas:

1) Entrevista individual semidirigida I – primeira aproximação com as educadoras do berçário.

2) Acompanhamento longitudinal das turmas de berçário - visita semanal às turmas, em que se passava um turno com as educadoras e os bebês. Realizavam-se intervenções, trabalhando em direção a um estabelecimento e/ou consolidação de um vínculo entre educadora e bebê, e partindo do que se esperava da relação educadora-bebê em cada faixa etária, segundo o instrumento IRDI.

3) Entrevista individual semidirigida II – encerramento do acompanhamento com as educadoras. Entrevistas no mesmo formato e com questões similares à primeira. Essas entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas, para serem analisadas.

As entrevistas da primeira fase da pesquisa IRDI foram analisadas em um estudo anterior, em que se buscou compreender quais as concepções das educadoras a respeito de seu papel na constituição dos bebês e de quais as necessidades do bebê (Martins & Silva, 2014). No presente estudo, visa-se a investigar esses mesmos assuntos, porém agora utilizando a segunda entrevista com as educadoras, após o acompanhamento.

Objetivo

Compreender quais as concepções de educadoras de bebês de 1 ano a 2 anos e meio de idade a respeito do bebê, das necessidades do bebê, de sua função enquanto educadoras e de seu papel na constituição do sujeito, após a intervenção com a Metodologia IRDI.

Método

Foram analisadas, tendo como base o referencial psicanalítico, as entrevistas transcritas, realizadas com educadoras de berçário, após o acompanhamento realizado com as educadoras e com os bebês utilizando a Metodologia IRDI. Também serão utilizados os resultados do estudo que analisou as entrevistas das educadoras no primeiro momento da pesquisa, para uma compreensão maior de suas respostas na segunda entrevista, levando em conta possíveis efeitos da Metodologia IRDI.

Participantes

16 educadoras de Berçário que trabalham em creches ou escolas de educação infantil municipais ou conveniadas à Prefeitura de Porto Alegre e que passaram pelo acompanhamento com a Metodologia IRDI, tendo permanecido nas creches acompanhadas pelo projeto até o final do período de intervenção. As participantes apresentam idades entre 26 e 56 anos e grau de instrução variado (de Ensino Médio Incompleto a Pós-Graduação)

Análise dos dados

Leitura clínica de entrevistas transcritas realizadas com as educadoras, tendo como base dois eixos temáticos:

“Como as educadoras veem os bebês”

“Como as educadoras veem sua função com os bebês”

Resultados

Eixo I – Como as educadoras veem os bebês

O bebê como um ser capaz

Os bebês

têm vontades próprias; percebem/ conseguem captar como está a educadora/pais; têm linguagem; são capazes de entender certo/errado; podem ser educados; gostam de agradar os adultos; são diferentes uns dos outros; precisam aprender o mundo e se desenvolver.

O bebê como um ser dependente, desamparado

Os bebês

têm necessidades físicas (higiene, proteção, alimentação); têm necessidades emocionais (carinho, atenção, amor, dedicação); sofrem pela ausência dos pais; precisam de uma família presente, que as acolha; precisam de continuidade; precisam de proximidade com o corpo, precisam de colo x não é necessário muito contato físico com o bebê.

Eixo II– Como as educadoras veem sua função com os bebês

Concepções das educadoras sobre seu trabalho

- O berçário tem um ritmo próprio, específico seu e diferente das outras turmas.
- A subjetividade da educadora está colocada em seu trabalho.
- A forma como a educadora foi cuidada afeta o modo como ela cuida dos bebês.
- O fato da educadora ser mãe afeta a relação com os pais dos bebês.
- Os bebês e as educadoras estabelecem uma relação, um vínculo.
- É importante ter uma boa relação com os pais dos bebês.
- É função da educadora cuidar x A educadora não é uma cuidadora.

Concepções das educadoras sobre suas práticas no cotidiano

- É importante permitir que o bebê tenha liberdade, autonomia.
- Os cuidados com o corpo do bebê são uma parte importante do seu trabalho.
- É função da educadora estimular o bebê em seu desenvolvimento.
- Brincar junto com os bebês é uma prática importante no desenvolvimento e na construção do vínculo.
- Os bebês precisam da linguagem da (e com) educadora.
- É possível integrar todas as facetas do cuidado com o bebê nas práticas da educadora.

Concepções das educadoras sobre sua função na constituição psíquica do bebê

- Embora a educadora possa exercer um papel similar ao da mãe e ao da família, sua função é complementar X A função da educadora é a mesma dos pais, substituindo-os quando não estão presentes.
- É preciso prestar atenção no grupo, sem deixar de dar atenção individual para cada um dos bebês. É possível cuidar, dar amor, carinho e atenção pros bebês, mesmo com um grupo grande.
- Para que a educadora possa fazer seu trabalho com os bebês, ela precisa se sentir amparada, tendo algo ou alguém sustentando que exerça sua função.
- A equipe de educadoras do berçário precisa ter uma boa relação, para melhor atender os bebês
- A formação da educadora tem efeitos no seu trabalho no dia a dia.

Discussão

A leitura das entrevistas possibilitou levantar questões quanto a possíveis efeitos do acompanhamento com a Metodologia IRDI. Percebe-se que as educadoras trouxeram mais em suas falas o que pensam e sentem do que na primeira entrevista. Possivelmente, isso se deve à relação que se estabeleceu entre educadoras e pesquisadores ao longo do acompanhamento. É possível pensar que os pesquisadores passaram a ser vistos como figuras que “sustentam” o trabalho das educadoras, ao mesmo tempo em que refletem, em conjunto com elas, acerca de sua função. Além disso, um número maior de concepções encontradas acerca de seu trabalho com os bebês do que sobre o bebê sugere que as educadoras possam estar pensando e questionando-se mais quanto ao seu trabalho.

Quando se iniciou a análise das entrevistas, esperava-se encontrar muitas falas acerca das necessidades do bebê. Diferentemente da primeira entrevista, entretanto, encontrou-se muito mais concepções que falam de características e potencialidades do bebê do que de necessidades. Possivelmente devido à idade dos bebês, as educadoras parecem descrever crianças muito mais ativas. Pensa-se que, no acompanhamento, trabalhou-se a importância da relação entre bebê e educadora ir se modificando ao longo do tempo, pensando nas necessidades do bebê de ir gradualmente se separando das figuras de cuidado. Acredita-se que as educadoras podem ter conseguido adaptar-se a um maior distanciamento dos bebês, permitindo que, conforme demandassem, fossem se tornando menos dependentes.

Nesse mesmo sentido, notou-se o quanto as educadoras destacaram a importância de dar autonomia aos bebês, o que geralmente vinha acompanhado de uma fala acerca de respeitar que os bebês sigam suas próprias vontades. Ainda que isso fale de uma suposição de um sujeito (Kupfer et al., 2009) no bebê pela educadora, também sugere um corte incidindo nessa relação.

Ao mesmo tempo, nota-se que elas parecem conectadas com as necessidades afetivas do bebê, no que concerne à sua estruturação. As educadoras trazem concepções acerca da necessidade do bebê de continuidade – o que se relaciona a seu papel de referência para as crianças, assim como a sua presença e ausência.

Algumas questões que foram muito trabalhadas com as educadoras ao longo do acompanhamento também puderam aparecer nas entrevistas. Percebemos que elas trazem a importância de alguém que dê suporte a elas, que as ampare para que possam exercer sua função. Pensamos que isso fala de um cuidado para quem cuida, podendo essa demanda ser efeito de nossas intervenções. Muitas vezes, foi exercido um papel de suporte às educadoras. Ainda no sentido de uma sustentação, muito do que as educadoras traziam para nós como queixa em nossas visitas era dificuldade de trabalhar bem com os bebês com uma equipe que enfrenta dificuldades. As educadoras, na segunda entrevista, falam na importância de um grupo que se comunique bem para atender aos bebês.

Nota-se que as educadoras estão trazendo concepções acerca de aspectos subjetivos seus, aparentando considerar que seu trabalho não se dá apenas no plano das práticas ou tarefas. No acompanhamento, diversas vezes foi tópico de reflexão com as educadoras como e o quanto colocar-se subjetivamente na relação com as crianças. Na entrevista, elas puderam trazer ideias relacionadas ao ser mãe, a como foram cuidadas e a ter um vínculo maior com alguma criança. Em geral, percebeu-se que as educadoras estão considerando sua subjetividade parte de sua função.

Compreendeu-se que algumas das concepções que apareceram nessa análise são muito semelhantes a algumas que apareceram na primeira entrevista. Ao mesmo tempo, algumas concepções parecem ter mudado notadamente. Em um estudo futuro, seria interessante poder analisar se aquilo que mudou relaciona-se ao que trabalhamos em nossas intervenções com as educadoras. Ainda, considera-se que seria enriquecedor poder fazer um contraste entre as concepções das educadoras e aquilo que os pesquisadores puderam observar no acompanhamento longitudinal.

Referências

Ferrari, A., Silva, M. & Cardoso, J. Projeto de pesquisa: O impacto da Metodologia IRDI na prevenção de risco psíquico em crianças que frequentam creche no seu primeiro ano e meio de vida. Julho de 2013. Kupfer, M. C. M. et al. Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 31-52, Mar/2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de setembro de 2015. Mariotto, R. M. M. (2009). Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta. Martins, P. G. & Silva, M. R. Concepções de educadoras de berçário quanto à sua função e às necessidades do bebê. In: Salão de Iniciação Científica – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão - MP. (2010). Síntese de Indicadores sociais Uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica, No. 27. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado em 19 julho, 2013, de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicossociais2010/SIS_2010.pdf